



ARTIGOS - ARTICLES

As Pílulas Rosadas do Dr. Williams: o que um medicamento para anemia pode nos indicar sobre racismo e sexismo?

Nivaldo Aureliano Léo Neto

Universidade Federal do Pará (UFPA), campus
Marajó/Soure, Faculdade de Biologia

nivaldoleo@ufpa.br

Kelly Meneses Fernandes

Doutoranda em Ensino, Filosofia e História das
Ciências (UFBA); Professora na
Universidade Estadual da Bahia (UNEB)

popovi12@gmail.com

Resumo: A história do desenvolvimento de fármacos pode ser compreendida a partir de diferentes nuances e recortes, sendo inegável as articulações entre indústria farmacêutica, economia e desenvolvimento científico. Este artigo analisa os anúncios do medicamento Pílulas Rosadas do Dr. Williams, divulgados em um jornal do Estado do Ceará no início do século XX. A análise nos concede indícios dos processos pelos quais representações racistas e sexistas que discriminavam aspectos de beleza e moralidade eram aspectos fundamentais para determinar a clientela do medicamento.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais; Eugenia; Colonialidade.

The Pink Pills of Dr. Williams: what an anemia medication can tell us about racism and sexism?

Abstract: The history of drug development can be understood from different nuances and perspectives, with undeniable links between the pharmaceutical industry, economics and scientific development. This article analyzes the ads for the drug Dr. Williams Pink Pills, announced in a journal of Ceará state in the beginning of the 20th century. The analysis provides us with evidence of the processes by which racist and sexist representations that discriminated against aspects of beauty and morality were fundamental aspects in determining the medication's clientele.

Keywords: Ethnic-racial relations; Eugenics; Coloniality.

Introdução

Em épocas nas quais as tecnologias digitais e as redes sociais ainda não tinham emergido, mídias impressas a exemplo de jornais, revistas ilustradas, manuais e almanaques, tiveram importância fundamental na disseminação de informações ao longo dos anos, constituindo-se como dispositivos educativos para uma parcela da população letrada. Os projetos modernizadores de nação entre os anos de 1870 e 1889 definiam o papel da maternidade e a importância dos conhecimentos sobre higiene como necessários à mulher (entendendo-se aqui as mulheres brancas).

O papel social impositivo da mulher enquanto mãe de família respaldou a criação de uma revista de circulação nacional. Pesquisa realizada por Karoline Carula (2016) nos demonstra que o periódico *A Mãe de Família* divulgava que para a educação das mulheres seriam úteis os conhecimentos detalhados referentes à Biologia, pois só assim poderiam identificar com mais facilidade problemas de saúde que acometiam sua família. Apesar de ser voltado às mulheres, os homens é que gerenciavam o corpo editorial do periódico, o que nos permite pressupor as atribuições sexistas de gênero e divisão social do trabalho.

No Brasil do início do século XX, os almanaques de farmácia são considerados os mais populares dentre os periódicos do gênero, em razão da tiragem, relevância e ampla distribuição (SANTOS, 2017). As informações veiculadas nessas publicações possuíam a intenção, além da comercialização de produtos, de guiar comportamentos e doutrinar hábitos, apresentando corpos que demonstrassem uma pessoa limpa, higienizada e bela, enquanto prática de sociabilidade e civilidade. Os almanaques de farmácia passaram a ser utilizados por educadores, sanitaristas, intelectuais e todas as pessoas que pretendiam mudar a sociedade em direção à Ordem e ao Progresso (SANTOS, 2017, p.6). Importante também destacar, conforme Santos (2017), que a criação dos almanaques favoreceu o direcionamento dos produtos às mulheres, enquanto os homens eram os principais leitores de jornais.

Editados por todo o território nacional, inicialmente foram de responsabilidade de produção das farmacêuticas, divulgados tanto entre populações urbanas quanto do campo, adquirindo funções inusitadas como auxiliar adultos e crianças no aprendizado da leitura (GOMES, 2006). Analisando uma série dessas publica-

ções, especificamente o *Almanaque de Farmácia Saúde da Mulher*, Santos e Germano (2019) notam como tais publicações podem ser consideradas dispositivos pedagógicos que regulamentam determinados corpos para cumprirem seus ideais e papéis destinados à sociedade. Por sua vez, Ana Soares e Neide Barros (2014) chegam a conclusões parecidas ao analisarem as propagandas da *Revista Feminina* que circularam entre os anos de 1914 e 1936.

Souza (2017) indica que na sociedade brasileira da Era Vargas (entre 1930 e 1945) houve uma pretensão de estabelecer um perfil imagético que ao associar as pessoas brancas a noção de beleza, também as relacionava com um padrão de ideal cívico e patriótico. Com as noções de belo e feio, associaram-se percepções sobre limpeza e sujeira, tão importantes às perspectivas eugênicas. Para Souza (2017, p. 6), “a eugenia e a política da beleza, a partir de olhares masculinos, agiam como possíveis alicerces na constituição de uma identidade feminina, atuando na determinação de padrões de beleza, assim como nos comportamentos admissíveis para o gênero”.

No início do século 20, havia uma intensa propaganda de sabonetes, medicamentos, cremes para pele que prometiam corpos limpos, belos e saudáveis, livres de manchas, cicatrizes ou quaisquer outros sinais vistos como “impurezas”. Para Souza (2017, p.5), “os discursos destes anúncios, influenciados pela eugenia, tendiam à afirmação da estética de pele alva e cabelos lisos como representação da beleza feminina e a condenação dos tons de pele mais escuros, associando-os à sujeira e ao encardido. Sugeriam, ainda, que a brancura da pele relacionava-se ao status social do indivíduo”.

A Eugenia se caracterizava como um movimento complexo e heterogêneo, sustentado por um pretense discurso biológico, mas que perpassava a política, a economia e a literatura. Suas premissas postulavam o “melhoramento da raça humana”, buscando garantir os melhores traços genéticos para o futuro. Assim sendo, estipulava um padrão a ser alcançado e todos os que não alcançassem o mesmo, estariam fadados ao desaparecimento ou preterição social.

Uma vez que o desenvolvimento científico é um empreendimento humano passível de influências e repercussões sociais, o discurso e a linguagem científica utilizados nessas publicações deveriam ser compreendidos por uma ínfima parcela da sociedade brasileira com capacidade de leitura e com renda financeira suficiente para adquirir materiais educativos.

A consecução da modernidade/colonialidade como ideal de uma perspectiva brancocêntrica de produção do conhecimento científico, assim como de mecanismos que o validem enquanto saber universal, nos incita a assumir que para analisar a Ciência não devemos prescindir de características sociais, econômicas, políticas e ambientais.

O objeto de análise deste artigo surge a partir de encontros ocasionais que a prática de pesquisa (enquanto itinerância) pode proporcionar. Para sermos mais específicos, o encontro com os anúncios das Pílulas Rosadas do Dr. Williams. O tema foi suscitado ao longo de outra pesquisa documental, realizada pelo primeiro autor, sobre os Boletins de Eugenia (LÉO NETO, 2021), quando as propagandas do medicamento passaram a ser observadas. Como será apresentado e refletido criticamente mais adiante, o encontro com os anúncios só pôde ocorrer devido à situação histórica na qual os mesmos e os Boletins de Eugenia se encontravam.

Os anúncios foram retirados do *Jornal do Ceará* entre os anos de 1900 e 1920. Os exemplares digitalizados do *Jornal do Ceará* encontram-se disponíveis no site da Hemeroteca Digital, serviço de disponibilização de acesso gratuito ofertado pela Biblioteca Nacional¹. Anúncios pontuais foram encontrados em outros jornais, mas no *Jornal do Ceará* a divulgação era frequente, consistindo em textos, ilustrações e/ou informações sobre valores de venda do medicamento nos estabelecimentos comerciais.

É nesse sentido que este trabalho, ao analisar as propagandas das Pílulas Rosadas, não propõe uma pesquisa exaustiva e sistemática sobre anúncios de medicamentos na sociedade brasileira, mas busca tomar a existência desse fármaco em seu contexto social. Tal qual Laborne (2014, p.158), se não há uma ciência pura, mas sim um contato cultural de produção da ciência, “a intenção não é descobrir como o conhecimento representa o real, mas entender o que determinado conhecimento produz na realidade”.

Parte-se da premissa de que os Jornais são artefatos culturais, dispositivos de comunicação e educação para a sociedade na qual o discurso científico da indústria farmacêutica está transpassado de alinhamentos racistas e sexistas. Dessa forma, o que os anúncios de um medicamento farmacêutico, que propunha o combate à anemia (e outros problemas associados ao sangue), podem nos dizer

¹ Para acessar o site da Hemeroteca Digital: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

sobre as interseções entre racismo e sexismo na sociedade brasileira? Como o ideal eugênico se constituiu como parte desses anúncios? Quais os atravessamentos existentes entre sociedade, ciência e economia para a configuração dos cenários de discriminação?

As pílulas rosadas do Dr. Williams para pessoas pálidas

Revestidas de açúcar rosa, as Pílulas Rosadas do Dr William continham sulfato de ferro, carbonato de potássio, magnésia, alcaçuz em pó e açúcar. Em 1890, a patente para produção das pílulas foi comprada pelo senador norte-americano George T. Fulford, chegando a ser comercializada em cerca de 82 países.

As pílulas rosadas do Dr. Williams se apresentavam como uma panaceia para muitos males que acreditavam estar associados ao sangue:

A saúde individual de cada sexo depende da riqueza do sangue e, se este ficar impuro ou escasso, a robustez e a saúde tornam-se impossíveis. A escassez de bom sangue traz a anemia, a fraqueza geral, as digestões difíceis, o reumatismo, as enxaquecas, as dores nevralgias, as irregularidades menstruais das mulheres, o desenvolvimento difícil das meninas, etc. As Pílulas Rosadas do Dr. Williams são empregadas precisamente para excitar a produção do sangue rico e puro e curam todos esses males (*A primeira lição. Jornal do Ceará*, 1910, volume 1143).

Concordamos com Nascimento et al (2018) ao afirmarem que o estudo histórico das doenças possibilita compreender uma sociedade de dada época, uma vez que os processos relativos ao adoecer e à cura são socialmente construídos. Para as autoras, a “representação social das doenças pode ser entendida também como um conjunto de ideias que norteiam práticas” (NASCIMENTO et al., 2018, p.46).

Nas divulgações relativas às Pílulas Rosadas, era recorrente o teor voltado às pessoas pálidas, demonstrando sua prescrição para tratamento de anemias (Figura 1).

A N E M I A

MILHARES DE HOMENS E MULHERES PADECEM DE ANEMIA SEM TER CONSCIENCIA DO FACTO

A Anemia provém de pobreza de sangue. As Pilulas Rosadas do Dr. Williams produzem sangue rico e puro, e são, portanto, um remedio poderoso para a Anemia. Na saúde quasi tudo depende da riqueza e pureza do sangue. Quando o sangue está fraco, os nervos ficam sem alimentação e irritados. Sofre-se então de nevralgia, insomnia, falta de forças, e falta de animo. Os symptomas usuaes de anemia são: Dôres de costas, enxaquecas, palpitação excessiva do coração, desanimo e perda de appetite. Um, ou todos, costumam acompanhar a pallidez, signal infallivel da anemia. A esses milhares de homens e mulheres offerecem-se as Pilulas Rosadas do Dr. Williams, com a garantia de efficacia attestada por centenaes de pessoas.

"Envio a V.V.S.S. o presente attestado, assegurando a minha cura radical d'uma Anemia profunda, obtida com o uso das Pilulas Rosadas do Dr. Williams, da quizes devo hoje a minha existencia. Os inumeraveis symptomas de Anemia que eu tinha, eram produzidos pelo enfraquecimento geral de que eu soffria. Tive um desarranjo gastrico, náuseas, falta de appetite, somnolencia, enxaquecas, abatimento geral do systema nervoso, sentindo-me ás vezes tão desanimada que parecia ter chegado o meu fim.

"A conselho d'uma amiga comencei a tomar as Pilulas do Dr. Williams, e pouco tempo depois senti uma differença admiravel na minha saúde. Depois de tomar oito frascos d'este precioso remedio, a minha cura foi completa. O meu peso augmentou a 59 kilos, quando eu apenas pesava 45 kilos antes de tomar as pilulas. Sinto-me hoje feliz, tributando minha gratidão á Dr. Williams Medicine Co, pelo seu poderoso remedio, e aconselho aos que soffrem de Anemia e Debilidade o uso d'essas pilulas com perseverança." (Carta da Sra. D. Olyndina de Oliveira, residente na cidade de Baturité, Estado do Ceará).

Pilulas Rosadas do Dr. Williams.

Nem Sadio Nem Doente.

Ha centenaes de pessoas, em todas as cidades, que não podem dizer se se sentem bem ou mal. Estas são mulhiere e homens que têm trabalhado demais, ou têm passado por desgostos e aborrecimentos, ou que têm negligenciado os principios da hygiene.

Ficam facilmente cansadas, falta-lhes a energia, sentem-se debilitadas, desejam sempre encostar-se ou apoiar-se n'alguma coisa e têm uma dor surda nas costas.

Pergunte-lhes como vão de saúde, e machinalmente responderão: Estou bom; mas a expressão da sua physionomia, o modo de andar, tudo enfim, indica que, se não estão doentes, não estão tambem boas. São pessoas de saúde delicada.

Necessitam de um tonico, e o melhor tonico até hoje conhecido chama-se

PILULAS ROSADAS DO DR. WILLIAMS PARA PESSOAS PALLIDAS.

Figura 1: Anúncios do Jornal do Ceará. À esquerda, anúncio do ano de 1910 e à direita, propaganda veiculada no ano de 1907.

Desde fraquezas até problemas gástricos (complicações e/ou dificuldades associadas à digestão de alimentos) eram associados a um “sangue fraco” e/ou “ruim”, conforme trechos de anúncios transcritos a seguir:

Não tem rival para as moléstias originadas pelo sangue viciado, prostração nervosa, das quais emanam a maioria das doenças que afligem o gênero humano (Um mar de sofrimentos. Jornal do Ceará, 1907, volume 497).

[...] há milhares de pessoas débeis, pobres de sangue e fracas de nervos. Rostos pálidos, olhos sem brilho, corpos cansados são amostras que vemos em homens e mulheres que estão passando uma existência em que falta o maior gozo da vida. Estas são as que não tomam as Pímulas rosadas do Dr. Williams. O sangue débil torna impossíveis a atividade, o sucesso, a felicidade, o bem-estar e o contentamento tão essenciais para tornar a vida atrativa (*Um tônico excelente para o sangue e os nervos. Jornal do Ceará, 1910, volume 1140*).

As concepções e representações entorno do sangue foram basilares para os propósitos das Pímulas Rosadas e no contexto histórico em que o medicamento era anunciado estava em ascensão os princípios da Eugenia. Assim, o desejo inces-

sante pelo progresso e a construção de um país civilizado, fez do Brasil nos séculos XIX e XX, território acolhedor de princípios centrados em uma racionalidade científica racista e segregacionista, que cunhou o projeto de eliminação dos sujeitos classificados como menos aptos. Um movimento apoiado na ideia de degeneração, como explicação para as sociedades e populações desviantes do progresso ocidental, ou seja, aquelas não “puras”, marcadas pelo processo de miscigenação (SCHWARCZ, 1993). Pesquisa historiográfica de Lilia Schwarcz (1993) nos demonstra as influências das Faculdades de Medicina, as práticas dos médicos-cirurgiões e o desenvolvimento científico sobre a compreensão das doenças no final do século XIX e início do XX. A referida obra traça as influências de uma época na qual a população considerada mestiça era representada como degenerada, propensas às doenças incuráveis, devido, em parte, ao seu “sangue fraco e ruim” provindo das relações inter-raciais.

Nos anúncios encontrados das Pílulas Rosadas, as associações referentes ao sangue e às relações raciais não era explícita, mas tangenciavam outros demarcadores, como os de gênero. Os anúncios marcavam e discriminavam os gêneros, atribuindo-lhes características supostamente inerentes à constituição biológica de cada organismo. Se não podemos desconsiderar que a biologia intrínseca aos organismos pode sim gerar males específicos em determinados corpos, a atribuição de características morais e/ou de hierarquizações se fundamenta em pressupostos biológicos característicos da ciência eugênica em voga no início do século 20. Assim, surge uma concepção de mulheres que padecem de doenças peculiares devido ao “temperamento delicado do sexo” (conforme trecho retirado de anúncio apresentado na Figura 2):

As mulheres que padecem das doenças peculiares ao seu sexo sofrem a miúdo de nevralgia (*Jornal do Ceará*, 1907, volume 500).

O simples fato de que os homens raras vezes padecem de enxaqueca, ou dor de cabeça, ao passo que a mulher sofre desse mal tão a miúdo, indica claramente que a causa tem a sua origem no temperamento delicado do sexo, e, sobretudo, nas funções orgânicas da mulher (*A atroz enxaqueca. Jornal do Ceará*, 1910).

A
Atroz
Enxaqueca



O simples facto de que os homens raras vezes padecem de enxaqueca, ou dôr de cabeça, ao passo que a mulher sofre d'esse mal tão a miudo, indica claramente que a causa tem a sua origem no temperamento delicado do sexo, e, sobretudo, nas funcções organicas da mulher. Se a regularidade d'essas funcções torna-se difficil, as enxaquecas, as dôres nas costas, a nervosidade e a insomnia são os soffrimentos consequentes. Para a enxaqueca e outras dôres nervosas nada é comparavel ás Pilulas Rosadas do Dr. Williams. Enriquecem e purificam o sangue, fortificam os orgãos e regularisam as suas funcções, e modificam com effeito o estado geral do systema inteiro.

O tratamento pelas Pilulas Rosadas do Dr. Williams, tão simples e tão facil, tem curado milhares de pessoas. Eis aqui um curto trecho de uma carta notavel que escreve o Dr. Mario Rabello Leite, da cidade do Juazeiro, Bahia.

"Reconhecendo os verdadeiros meritos das Pilulas Rosadas do Dr. Williams, tenho recommendado as mesmas extensamente em toda esta zona do Rio S. Francisco. Estas Pilulas têm produzido effeitos maravilhosos, mesmo em pessoa de minha familia, pois achando-se uma das minhas irmãs, de dezotto annos de idade, soffrendo de irregularidades durante 21 mezes, chegando a guardar o leito por lhe ter affluído o sangue ao cerebro, conseguí os mais brilhantes resultados com nove frascos das Pilulas Rosadas do Dr. Williams. Foi admiravel ver como esta minha irmã obteve o seu completo restabelecimento com tão simples tratamento, achando-se ella, actualmente, forte, robusta e sadia, como se nunca tivesse soffrido de tão prolongada doença. Não quero deixar passar esta occasião para remetter-vos um attestado para o beneficio de todas as mulheres do Brazil."

Pilulas Rosadas
do Dr. Williams

Com o uso d'esse tonico a vivacidade, a energia, a bôa côr, o bom humor e disposição para os afazeres são as possessões usuaes na vida da mulher. A venda nas boticas.

C. No. 12

Figura 2: Anúncio encontrado no *Jornal do Ceará* no ano de 1910

Em tempos atuais, ainda constatamos tecnologias sociais que elencam critérios no intuito da disciplinarização dos corpos, atribuindo-lhes papéis sociais que supostamente caracterizam certos gêneros. A pesquisadora Gabrielle Bittelbrun (2001) indica as correlações entre corpos magros e o ideal da branquitude nas Revista *Claudia* e *TPM*, vigentes no século 21. Aqui há um traço importante a ser considerado a partir da análise de um medicamento veiculado em mídias e as suas consequências nos processos de racialização da sociedade brasileira, a entender a associação estética entre a brancura e o corpo ideal.

Em relação à masculinidade, as propagandas adquiriam outros elementos discursivos. A um corpo ideal de homem cis² eram associados os lugares da virilidade, força, impetuosidade, de provedor. Buscando compreender as representa-

² Homem cis: pessoa que se identifica com o sexo biológico de nascença e os papéis sociais de gênero atribuídos ao mesmo.

ções sociais sobre a saúde da mulher e a virilidade masculina em anúncios de medicamentos veiculados na cidade de Florianópolis entre os anos de 1900 e 1930, Machado (2007) nota que as imagens utilizadas, ao serem direcionadas aos homens, remetiam à mitologia greco-romana, a luta com feras, serpentes gigantes, tigres ou cavalos em disparada.

Também nesse sentido, os anúncios das Pílulas Rosadas ilustram o problema da velhice associada às disfunções sexuais, mas também homens com corpos musculosos ou elegantes em seus ternos (denotando aqui classes econômicas mais abastadas). Parte das propagandas traziam desenhos e relatos de militares que utilizavam as Pílulas Rosadas. A certificação da eficácia do medicamento dada por supostos testemunhos de outros usuários foi prática recorrente nos anúncios, utilizada para credibilizar o fármaco e chamar atenção; outra forma foi associar a alguma autoridade médica (BUENO e TAITTELBAUM, 2008).

Ao constatarmos uma discriminação de gênero associada aos medicamentos e seus anúncios, uma leitura do contexto social também nos indicaria que aqueles anúncios se dirigiam exclusivamente a uma determinada classe econômica (com fonte de renda garantida) que poderia comprar o fármaco. Para as pessoas retratadas nos anúncios, provavelmente essa parcela da sociedade do pós-abolição seriam pessoas racializadas e situadas socialmente enquanto brancas.

Percebemos melhor esses atravessamentos com um anúncio voltado exclusivamente às mulheres e intitulado *O segredo da beleza* (Figura 3):

No século passado o que admirava nas mulheres era serem delicadas, pálidas e languidas. Mas essa moda já passou. O que hoje cativa a maioria dos homens é a classe de beleza que mostra saúde. Agora, a mulher deve ter olhos vivos, lábios vermelhos e faces rosadas. É o sangue puro e rico que dá aos olhos vivacidade e brilho, e que comunica aos lábios e as faces as suas cores sãs (*Um segredo de beleza. Jornal do Ceará, 1910*).

**Um
Segredo
De
Belleza**



No seculo passado o que se admirava nas mulheres era serem delicadas, pallidas e languidas. Mas essa moda já passou. O que hoje captiva a maioria dos homens é a classe de belleza que mostra saúde. Agora, a mulher deve ter olhos vivos, labios vermelhos e faces rosadas. E' o sangue puro e rico que dá aos olhos vivacidade e brilho, e que communica aos labios e ás faces as suas côres sãs. E' com as Pilulas Rosadas do Dr Williams que se transmite ás veias o sangue novo, puro e rico.

A D. Anna Laura P. de Barros, que mora na cidade de Campos, Praça de S. Salvador, No. 22, Estado do Rio de Janeiro, escreve:

"Tenho vinte annos d'idade e soffre d'Anemia, ou pobreza de Sangue. Entre outros symptomatmas que experimentei, havia falta de somno, dôres de cabeça, pouca vontade de comer, constrangimento, e um estado geral de indolencia e fraqueza e, ás vezes, febre. Tive tratamento medico muitas vezes e a mesma debilidade me fez ficar de cama diversas occasiões, mas todos os remedios não deram resultado algum, até que resolvi tomar as Pilulas Rosadas do Dr. Williams, e curei-me com seis mezés de tão simples tratamento."

(Assignada) ANNA LAURA PESSÔA DE BARROS.

Testemunha: José Antonio Pessôa de Barros, (Chefe do Correio de Campos).

Decida-se a leitora hoje; comece hoje mesmo a cura. Cada dia que passa accentúa a molestia; cada dia de tratamento adianta a volta da saúde.

PILULAS ROSADAS DO DR. WILLIAMS
A VENDA NAS BOTICAS. C. N. 1.

Figura 3: Propaganda encontrada no *Jornal do Ceará* no ano de 1910.

Aqui, uma série de nuances podem ser desdobradas. Como o próprio anúncio demonstra, se a busca por um padrão de beleza no século XVIII se voltava a uma pele cada vez mais clara, no início dos anos de 1900 a palidez se tornou sinônimo de fraqueza e doença. A pergunta que podemos fazer é: quais peles podem ter faces rosadas? Logicamente não seriam as pessoas de tons de pele mais escuro, mulheres negras, de pele com maiores concentrações de melanina, jamais alcançariam esse “segredo da beleza”, mesmo que em situações hipotéticas tivessem ingerido o fármaco anunciado. Ao analisar as concepções de limpo e sujo na Paraíba entre os anos de 1912 e 1924, Soares Júnior (2011) percebe que os corpos tidos como desejáveis em padrão estético eram aqueles cuja cutis se assemelhavam às pétalas de uma rosa.

De acordo com Sovik (2009, p.36), “a branquitude não é genética, mas uma questão de imagem: mais um motivo pelo qual é um problema que se coloca na cultura dos meios de comunicação”. Para Laborne (2014, p.159)

é importante, ao analisar a branquitude, refazer essa história, considerando a forma como essas narrativas históricas são construídas, refletindo sobre as estratégias de manutenção dos privilégios dessa elite pós-colonial branca e identificando novas maneiras de identificação racial dos sujeitos brancos.

Do apresentado até o momento, as Pílulas Rosadas constituem um produto que, entorno das representações do sangue, voltava-se sobretudo às pessoas brancas e pertencentes às classes econômicas com acesso a medicamentos da indústria farmacêutica. Destacam-se dois fatores interpretativos elencados anteriormente e que nos permitem essa percepção.

O primeiro fator elencado nos faz perceber que as Pílulas Rosadas do Dr. Williams investiram em anúncios de mídias impressas, apesar de não termos como desconsiderar as propagandas realizadas comunitariamente, em trocas de informações e conversas ocasionais. No ano de 1920, a taxa de analfabetismo (com base no critério censitário da declaração de incapacidade de ler e escrever) na população de 15 anos ou mais de idade estava em 64,9% (FERRARO, 2002, p.36). Considerando o histórico da institucionalização da educação pública no Brasil e as dificuldades de permanência no ensino, podemos inferir que as pessoas com capacidade de leitura seriam, em sua maior parte, aquelas pertencentes às altas classes econômicas.

O segundo fator se desdobra a partir de um dos efeitos do medicamento, uma vez que as Pílulas Rosadas do Dr. Williams, para além de serem rosadas no seu revestimento, prometiam devolver às pessoas anêmicas uma *cútis rósea*. Em si, isso não seria um problema, mas ao se associar tal coloração de pele a um “segredo da beleza”, patamar a ser alcançado por todas as pessoas que queiram estar saudáveis, restringe-se essa possibilidade a uma parcela da população brasileira. Para essas pessoas contempladas por essas tecnologias de segregação, o medicamento surtiria o seu efeito.

Do exposto até aqui, não haveria como desconsiderar que os anúncios atuam em cenários de discriminação social, de gênero e racial. Evidencia-se que o controle, nesses casos, possui ligações diretas com a estética. Analisando a concepção de saúde/doença apresentada nesses mesmos anúncios, constatamos que a representação sobre a saúde não está associada ao bem-estar integral do indivíduo e da coletividade, mas somente a uma ausência de enfermidades orgânicas. Associ-

adas à concepção de saúde conectada a de beleza que, nesse caso, tem como eixo a discriminação racial enquanto elemento que atribuirá a certos corpos o status de belo/saudável.

No início do século XX, a Ciência Eugênica organizou em linguagem científica essa tecnologia discriminatória, apresentando-a como verdade a ser buscada para aquelas sociedades que buscavam os mais altos padrões de civilização.

Como veremos na seção a seguir, estética/beleza e saúde/doença, sendo geridas pela discriminação racial e as relações assimétricas de poder nas narrativas representacionais, configuraram relações sociais que também estruturavam práticas terapêuticas, mas sobretudo, os conhecimentos considerados válidos.

Urbanização, industrialização e o projeto de modernização do país

De acordo com Santos (2017), as propagandas de medicamentos no Brasil, em diversas épocas, estiveram relacionadas à economia e à política do país. Ainda para a autora, “o preconceito, o racismo, o sexismo e a visão mecanicista do corpo, entre outros aspectos, estavam implícitas ou explicitamente presentes nos textos escritos, nas informações legendadas, nos ícones e nas ilustrações das propagandas” (SANTOS, 2017, p. 11). Ao analisar os anúncios, podemos perceber que há uma noção de marco civilizacional atribuído às Pímulas Rosadas do Dr. Williams, uma vez que elas são representantes de um discurso científico, uma promessa de futuro sem problemas de saúde.

Bueno e Taitelbaum (2008, p.22) destacam que as pessoas mais ricas iam à Europa tratar dos seus problemas de saúde, uma vez que todo e qualquer conhecimento vindo dos países considerados civilizados (alguns anúncios eram redigidos em francês) era levado em consideração ao se comparar com os conhecimentos locais. Depois do enfraquecimento da monarquia brasileira e a queda do Império com a proclamação da República em 15 de novembro de 1889, questões relativas à saúde e à falta de higiene nas cidades se tornaram assuntos recorrentes.

A sociedade brasileira do início do século 20, ao buscar um modelo de civilização em referenciais brancos eurocêtricos, ligados ao capitalismo industrial, acaba por gerar problemas característicos desse mesmo modelo. Se a indústria farmacêutica soluciona alguns problemas, são esses mesmos problemas que tam-

bém são gerados de forma indireta nos sentidos subjacentes à sua prática, a entender, o modelo da colonialidade do ser, saber e lugar (QUIJANO, 2000).

Os códigos de civilidade se associavam tanto a uma face limpa quanto às formas que eram acessadas para se buscar a cura de enfermidades, portanto, o regime de conhecimento legitimado como verdadeiro e moralmente correto, conforme exposto ao longo do trabalho de Mestrado de Soares Júnior (2011).

Uma propaganda do medicamento chamado Caflaspirina, produzido pela Bayer e ainda hoje encontrado nas farmácias, nos concede algumas possibilidades interpretativas (Figura 4). Mesmo que sejam dois medicamentos diferentes (as Pílulas Rosadas do Dr. Williams e a Caflaspirina), há situações similares entre os anúncios, descortinados principalmente quando observamos uma sociedade eugênica brasileira em tentativa de ascensão.



Figura 4: Anúncio do medicamento Caflaspirina, produzido pela Bayer.

O anúncio encontrado no jornal *O Libertador* chama atenção pelo título *A Benzedura*, composta pela cena de uma mulher negra segurando um galho de planta sobre o corpo de uma mulher branca que a olha atônita. A transcrição do anúncio acima deixa evidente as relações racistas que envolvem conhecimentos produzidos por pessoas negras e a melhor promessa de medicamentos:

Uma enxaqueca. A tia Joaquina prontifica-se a fazer umas rezas e benzeduras com galhos de arruda e alecrim. Pobre preta velha! Deixem-na na inocente ilusão da sua crendice! Mas não deixem sofrer inutilmente a mocinha. Um ou dois comprimidos de Caflaspirina serão o bastante para aliviá-la dessa terrível dor de cabeça. A Caflaspirina nunca deve faltar à cabeceira das senhoras, pois é preciosa nas cólicas próprias do sexo, nas dores de cabeça e enxaquecas, como também nas de dentes e ouvido. Não afetam nenhum órgão e são absolutamente inofensivos. Evitem, como perigosos, medicamentos que se inculcam “tão bons como a Caflaspirina”. Essa é universalmente consagrada como o remédio de toda confiança.

A colonialidade/racismo incursionada no anúncio se faz presente na produção de dicotomias. Nessa perspectiva, sobre a defesa da utilização do medicamento Caflaspirina, é operado uma lógica de simplificação dos saberes. O saber advindo da prática cultural de uma mulher negra é visto como crendice e inocente, que passa a ser descredibilizado em oposição a uma ideia de que existe algo confiante e consagrado universalmente, que é o produto do conhecimento científico. Ciência e Religião assim, acabaram sustentando algumas práticas de discriminação, pois se a fé cristã católica era ameaçada por práticas de feitiçaria, os conhecimentos científicos conseguiriam superar as credices populares herdadas da população negra. No anúncio apresentado acima, percebemos as associações entre aspectos da religiosidade que são combatidas por uma ciência produzida por uma indústria farmacêutica alemã fundada em 1863.

Se a Ciência vem dos países modernos e civilizados, sendo produzida por pessoas brancas, seus medicamentos devem ser destinados somente às pessoas enfermas brancas? Seria possível imaginarmos, nesse anúncio da Caflaspirina, ao invés de uma mulher branca sofrendo enxaquecas, uma mulher negra padecendo de dores? Os dois medicamentos refletem os esforços de uma parcela da sociedade brasileira para se aproximar (cultural e fenotipicamente) das sociedades do Norte da Europa. Ao pontuar essa consideração, enfatizamos que, em si, não se trata da fórmula química dos medicamentos, mas das narrativas associadas aos mesmos e das tecnologias sociais de discriminação que os anúncios assumem.

Se os Jornais atuavam enquanto dispositivos pedagógicos, também podemos associá-los a uma certa divulgação científica, não só pelas eventuais notícias

sobre o desenvolvimento científico da época, mas pelos seus recorrentes anúncios de medicamentos em linguagem acessível e com iconografias marcantes. Gomes (2006) atesta que, para além de informar sobre remédios e doenças, intermediados pela publicidade, os textos e imagens possibilitaram uma certa tipologia de divulgação científica relativa a um conhecimento restrito a poucos, mas com uma forma de educação que se baseava na desqualificação de outros conhecimentos e formas terapêuticas.

Análises como essas nos permitem tomar como questão importante o processo de urbanização, a industrialização do país, a descredibilização não somente de uma prática social diferente da noção hegemônica de ciência, mas também uma inferiorização das populações envolvidas com práticas advindas de conhecimentos tradicionais, como as populações negras. Nesse sentido, mais do que um projeto de modernização encerrado em si, propomos pensar como, ao longo de anos, vem se instaurando um projeto totalitário de regulação das relações étnico-raciais, a favor da manutenção da supremacia branca.

Considerações finais

A investida na análise do anúncio das Pílulas Rosadas, tendo como referências as relações étnico-raciais e sexistas no Brasil, nos possibilitou a constatação e uma melhor compreensão de como esse artefato e seu discurso científico, não estavam orientados somente a promover o combate à anemia, única intenção aparente para sua veiculação em território nacional. Em terras brasileiras, alinhado às engrenagens do racismo, o medicamento atuou como dispositivo de controle associado à estética e à validação de uma forma de conhecimento em detrimento de outras.

Contudo, recortar essa situação histórica na qual um fármaco é envolvido nos possibilita perceber a contemporaneidade desses mesmos dispositivos, adaptados às novas realidades e linguagens publicitárias. O caso apresenta-se enquanto um capítulo da História da Ciência (associada aos desenvolvimentos da Farmácia e Medicina) atravessado por representações sociais nas quais os fins (as práticas racistas e sexistas) podem não ter sido elaborados conscientemente, mas são a própria forma de funcionamento de uma circularidade típica das violências estruturais.

Analisado em sua dimensão estrutural, o racismo reorganiza as relações sociais através de processos históricos e políticos. Torna-se então perene em algumas situações, uma vez que a estrutura de tal forma que o funcionamento da sociedade passa a responder para que os privilégios permaneçam ao longo do tempo. Para Almeida (2019), o processo histórico do racismo, visto sobre a perspectiva estrutural, manifesta-se em conexão com as transformações sociais. Nessas, os processos de formação do Estado-Nação são projetos políticos nos quais as classificações raciais tiveram um importante papel para definir as hierarquias sociais. Ainda para o autor, no Brasil o pertencimento de classe (externado na capacidade de consumo) e a circulação social também se somam às distintas formas de classificação racial para aqueles/as que conseguem transitar em direção a uma estética relacionada à branquitude.

Enquanto faceta das relações étnico-raciais, os anúncios desvelam alguns dos mecanismos que estruturam e reproduzem as relações de privilégio e acesso a bens/serviços pelos quais a branquitude se perpetua na sociedade brasileira. Fundamentando um ideal estético de saúde e beleza, o lugar de privilégio estrutural configura relações de poder, acessibilidade, situação econômica (uma facilidade para ocupar classes sociais, mas não que os privilégios estejam somente em pessoas ricas) e aceitação social. Uma vez que as relações raciais no Brasil ocorrem majoritariamente por características fenotípicas, o caso de um medicamento que atua no combate às enfermidades do sangue no início do século XX, sendo os efeitos desejados e visíveis no tocante às curas pretendidas externados visualmente na pele dos/as usuários/as, nos indica que as classificações fenotípicas somam-se, nesse caso, a processos de discriminação.

Em um país como o Brasil do início do século XX que buscava se consolidar enquanto um Estado-Nação e cuja maior parte da população reunia características consideradas atrasadas ao serem comparadas a outras sociedades (especificamente as do norte da Europa), junto à discriminação fenotípica somavam-se as discriminações negativas associadas aos conhecimentos provindos das populações africanas e indígenas. A Ciência, portanto, foi alçada ao status de validar (ou deslegitimar) outros conhecimentos e suas epistemologias. Se por um lado devemos ter prudência perante algumas formas de tratamento terapêutico, fica nítida a relação assimétrica de poder ao comparar as chamadas práticas tradicionais de cura como “charlatanismo/curandeirismo” enquanto, do outro lado, um fármaco com um

amplo espectro de cura a diferentes enfermidades era incitado a ser utilizado através de uma massiva estratégia de marketing.

Analisar conjunturalmente o contexto brasileiro da época na qual um medicamento farmacêutico estava disponível para uma parcela da sociedade, nos permite perceber as relações intrínsecas entre desenvolvimento científico e tecnológico e sociedade. São características mobilizadas para incutir e perseguir um suposto desenvolvimento social calcado em diferentes formas de segregação entre “aptos/inaptos”, e a eliminação dos “inaptos”, característica marcante da ciência eugênica. No Brasil do início do século XX, com apenas doze anos da dita abolição da escravidão (considerando o ano de 1888 da Lei Áurea e o ano de 1900 referente ao primeiro anúncio encontrado sobre as Pílulas Rosadas), os mecanismos de exclusão e discriminação precisavam ser reatualizados e o discurso científico ocupou esse lugar. Havendo a distinção entre a pessoa branca e “os outros”, a manutenção do controle da subjetividade das pessoas era paulatinamente sedimentada, precipitando a experiência, por parte das pessoas brancas, que apenas elas poderiam alcançar “o segredo da beleza” por se sentirem superiores.

Por fim, análises como essas nos dão condições de inserir as Pílulas Rosadas do Dr. Williams em um campo complexo em que racismo e sexismo vem normatizando, alimentando e intensificando os processos de opressão e dominação engendrados pelo Estado brasileiro, na tentativa de apagamento e descredibilização das populações negras. Apesar de todo o investimento científico racista, a população negra, através de inúmeras formas organizativas, tem desobedecido à manutenção da ordem brancocêntrica de produção científica.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BITTELBRUN, Gabrielle Vivian. *Manequim 38 e seus Excessos: Magreza e Branquitude em Revistas Femininas do Século 21*. Revista rascunhos culturais, v. 1, n. 1, 2010.

BUENO, Eduardo; TATTELBAUM, Paula. *Vendendo Saúde: história da propaganda de medicamentos no Brasil*. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008.

CARULA, Karoline. *Darwinismo, Raça e Gênero: Projetos modernizadores da nação em conferências e cursos públicos (Rio de Janeiro, 1870–1889)*. Campinas: Editora da Unicamp. 2016.

FERRARO, Alceu Ravello. *Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?* Educação e Sociedade, v. 23, n.81, p.21-47, 2002.

GOMES, Mario L. *Vendendo saúde! Revisitando os antigos almanaques de farmácia*.

História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 13, n. 4, 2006.

LABORNE, Ana Amélia de Paula. *Branquitude e colonialidade do saber*. Revista da ABPN, v. 6, n. 13, p. 148-161, 2014.

LÉO NETO, Nivaldo Aureliano. *Divulgação e Educação Científica Racista no Boletim de Eugenia (1929–1933): Uma Análise Crítica com Vistas a Contribuir para uma Educação em Ciências Contemporânea*. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências 21, p.1-31, 2021.

MACHADO, Vanderlei. *A saúde da mulher e a virilidade masculina: imagens de corpo e gênero em anúncios de medicamentos - Florianópolis (1900-1930)*. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Online], 2007.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo; VIANNA, Eliza da Silva; MORAES, Monica Cristina de; SILVA, Danielle Souza Fialho. *O indivíduo, a sociedade e a doença: contexto, representação social e alguns debates na história das doenças*. Khronos, Revista de História da Ciência, no 6, pp. 31 - 47. 2018.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidad del poder y clasificacion social*. Journal of World- Systems Research VI, n.2, p. 342-386, 2000.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. *Rastros na memória: propagandas de medicamentos, história e patologização da vida*. In. Anais do XI Encontro Regional Nordeste de História Oral. Fortaleza, Ceará. 2017.

SANTOS, Beatriz Oliveira; GERMANO, Idilva Maria Pires. *Regulação do corpo feminino no almanaque de farmácia d'A Saúde da Mulher*. Revista Estudos Feministas, v.28, n.1, 2019.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870–1930*. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho e Barros; BARROS, Neide Célia Ferreira. *As propagandas da Revista Feminina (1914-1936): a invenção do mito da beleza*. *Oficina do Historiador*, v.7, n.1, p.106-120, 2014.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. Júnior, Azemar dos Santos. *Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)*. Dissertação (Mestrado em História). UFPB:João Pessoa, 2011. 193p.

SOUZA, Joyce Gonçalves Restier. *Corpos em busca do belo: as mulheres negras e a beleza na Era Vargas*. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. Florianópolis, 2017.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2009.